

Março de 2009

**CARTAS A FAVOR DA ESCRAVIDÃO, TAMIS PARRON****Weslei Cândido<sup>1</sup>**

O livro *Cartas a Favor da Escravidão*, de Tamis Parron foi publicado no ano de 2008 pela editora Hedra. Num contexto em que a luta contra o preconceito racial está na pauta das discussões sobre o papel do negro na sociedade brasileira, o tema provoca o leitor a pensar nos momentos que antecederam a assinatura da Lei Áurea, quando ainda chamar o indivíduo de “preto” não era politicamente errado, e havia pessoas que lutavam pela permanência do regime escravocrata no Brasil.

Tâmis Parron é formado em jornalismo e história; atualmente faz mestrado na USP, trabalhando o tema da escravidão no país, com o título *A política da escravidão no Império do Brasil*, também participa de outro projeto sobre a “Formação do Estado e da Nação: Brasil 1780 – 1850”, patrocinado pela FAPESP.

A proposta da publicação é a de fechar uma lacuna presente na extensa bibliografia existente sobre de José de Alencar, que são os textos, as cartas, que este enviou ao Imperador sob o título de *Cartas de Erasmo*, nas quais o tão afamado romancista nacional defende o manutenção da escravidão no país. Para tanto, Parron faz uma apresentação das cartas, informando ao leitor de hoje o contexto político do Brasil dos anos que antecederam a libertação dos escravos.

Esta resenha política e histórica da situação de conflitos e interesses dos partidos que comandavam o Brasil no século XIX é muito importante. No entanto, não se pode afirmar que seja um livro de Tâmis Parron, mas uma apreciável contextualização das cartas que José de Alencar, em tom professoral, enviou ao Imperador.

Com toda a certeza, a introdução às cartas, feita pelo historiador auxiliam na compreensão de como o regime escravagista tinha defensores ferrenhos no Brasil, representados pelos saquaremas que se opunham ao Imperador D. Pedro II e, conseqüentemente, à sua política de libertação dos escravos.

Para quem não conhece o contexto político do século XIX, o livro traz informações valiosas do comércio de escravos. Quando e por que este começou a ser considerado ilegal. Além, de discutir os problemas diplomáticos entre Brasil e Inglaterra por causa da política escravagista adotada pelo regime político brasileiro.

---

<sup>1</sup> Weslei Roberto Cândido é Doutorando em Letras pela UNESP – Assis, professor do IFSP – Campus Sertãozinho e Editor da Revista Iluminart. [crweslei@yahoo.com.br](mailto:crweslei@yahoo.com.br)

Março de 2009

Aqueles que estão acostumados a ver José Alencar como o romancista nacional podem até se espantar com a postura conservadora do escritor, uma vez que suporiam ter ele defendido os escravos. Entretanto, neste momento, os negros eram vistos como um “mal necessário” para a formação e desenvolvimento da civilização na América. Alencar, portanto, justifica a necessidade de o Brasil manter o regime escravocrata até que o país se civilizasse o suficiente para, então, liberar os escravos naturalmente, como simples fruto do progresso.

Algo a se levar em consideração, nestas cartas que Alencar envia ao Imperador, é a desavença que havia entre os dois. O escritor imitando *Erasmus* finge falsa modéstia para convencer D. Pedro II da necessidade de o Brasil ter a mão de obra escrava à disposição do país. O tom pode ser didático, porém, Alencar se julgava muito superior intelectualmente ao monarca para aceitar as decisões políticas tomadas pelo regime imperial.

Chegados a este ponto da resenha é importante salientar que o livro em questão não é de Tamis Parron, mas sim de José de Alencar. O historiador e jornalista é apenas um organizador do conteúdo das cartas. Não que neste trabalho não haja mérito, ao contrário, houve sim uma percepção do que ocorre no país agora, em termos de debates sobre o negro, e lançou o livro no mercado, que indubitavelmente terá muitos leitores. O mérito é duplo: Parron teve percepção editorial e ao mesmo tempo ajudou a lançar luz sobre uma parte da produção bibliográfica de José de Alencar que sempre fica esquecida nas indicações de leitura sobre romancista.

Também, alertamos para o fato acima a fim de evitar o risco que se corre neste tipo de edições de acabar por resenhar mais o trabalho do autor que o do organizador dos textos. A resenha em questão é sobre o estudo feito por Parron e não sobre as *cartas* propriamente ditas.

Apesar do trabalho de organização e comentários valiosos que Tâmis Parron faz do conteúdo das *cartas*, é preciso alertar para um aspecto que não foi exposto no título do livro. Talvez por questões comerciais. As cartas escritas por José de Alencar não tratam apenas do problema da escravidão, mas também da Guerra do Paraguai.

Há vários momentos nas *cartas* dedicados a persuadir o Imperador de que a Guerra do Paraguai é uma vergonha e algo desnecessário. Os gastos eram enormes e a perda de vidas dos dois lados poderia ser evitada, caso D. Pedro II esquecesse seu espírito guerreiro, melhor dizendo, de teimosia. O monarca brasileiro chega a diminuir a cota de 500 contos de réis anuais destinados para o bem-estar da família real para 300 contos, com a finalidade de reforçar o contingente de homens nas trincheiras com o país vizinho.

Embora haja omissões por parte de Parron, o livro é leitura obrigatória para quem deseja conhecer melhor o pensamento brasileiro do século XIX, desvendando posturas paradoxais de escritores, que como Alencar, defenderam tanto a ideia de uma pátria livre, de um continente da

Março de 2009

liberdade, no período de afirmação das identidades nacionais americanas. Se o negro não foi o herói nacional, ao menos agora se faz justiça ao seu papel na formação do continente americano.

Enfim, o livro de Tâmis Parron é um importante documento para se compreender como os escritores brasileiros discutiram o problema da escravidão no século XIX. Numa época em que o índio era visto como o herói nacional e elogiado nos romances de Alencar, o negro ocupou um espaço bem menos nobre na obra do fundador do romance nacional no Brasil. Portanto, a leitura ajuda a esclarecer a raiz dos preconceitos que ainda no século XXI os negros sofrem num país que ainda debate sua identidade nacional.

